



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO:
A Percepção de Professores de um centro de
Educação Infantil no Município de Itaituba.**

ELDACY DO LAGO SILVA

ELDACY DO LAGO SILVA

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO:
A Percepção de Professores de um Centro de
Educação Infantil no Município de Itaituba.**

Monografia de graduação para orientação do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Faculdade de Itaituba. ORIENTADORA: Maria Danielle Lobato Paes Esp.



Centro de Estudos Superiores de Itaituba-LTDA
Autorizado e Credenciado pela Portaria do MEC nº 2557 de 16/09/2003.
Av. Governador Fernando Guilhon
(4ª. Rua), 895 Jardim das Araras - Itaituba – Pará.
Telefone (93) 35184320 / Fax (93) 35184319
Site: www.unifaitb.edu.br / Email: fai@unifaitb.edu.br

ACADÊMICA: ELDACY DO LAGO SILVA

TÍTULO: Afetividade na Relação Professor e Aluno: A Percepção de Professores de um Centro de Educação Infantil no Município de Itaituba.

Monografia da Graduação apresentado para orientação do título de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba.
ORIENTADORA: Maria Danielle Lobato Paes Esp.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: _____ Nota: _____
Prof. Francisco Claudio, Dr.

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Maria Daniele Lobato Paes, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Hena Conceição de Souza Nascimento, Esp.

Resultado: _____ MÉDIA: _____

Data: 22 de Março de 2013.

Dedico este trabalho a todas as crianças tão sofridas da nossa humanidade, pela falta de afeto, para o crescimento do seu cotidiano. Mas que crê na palavra do nosso criador e através dela esperam viver dias melhores. Em especial a minha mãe que me encorajou em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Senhor, hoje quero agradecer pela sua presença todos os dias em minha vida. A vocês docente e discente obrigado pela sua companhia e o seu carinho durante esses quatro anos. A toda minha família que são para mim: a palavra que conforta a alegria que contagia o silêncio que respeita o olhar que acaricia e o amor que fortalece. Agradeço o Centro Educacional Arco-íris e a todos os alunos que me deram oportunidade em conhecer esta grandiosa profissão e a todos que acreditam no meu trabalho e na minha pessoa.

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece”.

Bíblia Sagrada

Segundo Freire, não existe educação sem amor. “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”.
(FREIRE, 1998:29)

LISTA DE SIGLAS

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

DOU – Diário Oficial da União

MEC- Ministério da Educação

GAP – Grupo de Articulação Parlamentar Pró-Música

LDB – Lei de Diretriz e Bases

SIEF – Sistema de Educação Fundamental

CB - Constituição Brasileira

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

CEB/CNE - Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação

SILVA, Eldacy do Lago. Afetividade na Relação Professor e Aluno: A Percepção de Professores de um Centro de Educação Infantil no Município de Itaituba – Pará. Monografia de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba-Pará 2013.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a influência da afetividade tendo como foco, o papel do professor na relação com os alunos. A pertinência do estudo mostra-se necessário devido às frequentes dúvidas com respeito ao coeficiente de influência das ações afetivas do professor sobre o processo de aprendizagem dos alunos no âmbito da escola. O presente trabalho trata na primeira parte de como se processa a afetividade no ensino aprendizagem e como o relacionamento entre discentes e docentes interferem no desenvolvimento do ensino e no processo de aprendizagem. Em seguida os assuntos discutidos são os aspectos de apresentação da afetividade no Centro Infantil do Município e as manifestações mais visíveis da mesma. Tendo em vista o afeto e a educação como princípios básico da criança, é de suma importância fazer referencia aos cuidados necessários que o docente deve ter para com o aluno. O trabalho realizou-se através de entrevistas, em que professores responderam de que forma a afetividade contribui para o desenvolvimento sócio e cognitivo da criança, a fim de esclarecer diversas situações. Por fim apresentam-se os resultados e a análise de uma pesquisa de campo, que foi realizada no Centro Infantil Amor de Mãe no Município de Itaituba – Pará. Pretendeu-se com esse trabalho levar a uma reflexão sobre a importância das manifestações afetivas junto à relação professor-aluno.

Palavras Chaves: Afetividade, Aprendizagem, Relação professor-aluno.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	07
RESUMO.....	08
INTRODUÇÃO.....	10
1 AFETIVIDADE.....	12
1.1 DEFINIÇÃO.....	12
1.2 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA.....	17
1.3 PRINCIPAIS TEÓRICOS E ESTUDIOSOS.....	20
1.4 INSTITUIÇÕES E AREAS DE ESTUDO.....	25
1.5 APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE.....	28
2 EDUCAÇÃO INFANTIL: DA ORIGEM AOS DIAS ATUAIS.....	31
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	31
2.2 TIPOS DE INSTITUIÇÃO: DO BERÇÁRIO A CRECHE.....	35
2.3 ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS.....	38
2.4 FORMAÇÃO DOS EDUCANDOS.....	40
3 ESTUDO DE CASO DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA.....	43
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA	43
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	44
3.3 RESULTADOS E ANÁLISES.....	45
3.3.1 Entrevista Com Professores.....	46
3.4 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.....	50
CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Discutir o tema afetividade apresenta um amplo grau de dificuldades. Debatida ao longo de muitos anos das mais variadas formas, nos mais diversos campos da sociedade, entre eles a educação, permanece o imutável dilema entre razão x emoção. Esta dualidade historicamente estabelecida preocupa-se em explicar a relação que é estabelecida entre afetividade e o intelecto.

Tendo em vista que o afeto e a educação são princípios indissociáveis e norteadores das práticas pedagógicas referente à Educação Infantil, a justificativa desse trabalho é de suma importância uma vez faz referência aos cuidados necessários que o professor deve ter para com o aluno, pois este é o primeiro momento da vida de uma criança após o âmbito familiar.

Por conseguinte, é preciso fazer uma distinção entre educação e psicologia, uma vez que ambas estão ligadas, pois, para melhor compreender o mundo de uma criança é preciso ter conhecimentos específicos, porém o que se percebe é a falta de preparo dos educandos e da família. Assim, na tentativa de melhor compreender que fatores devem contribuir para esse relacionamento, elaborou-se o presente projeto de monografia.

Com o objetivo de compreender de que forma a afetividade contribui para o desenvolvimento sócio e cognitivo da criança da Educação Infantil, o trabalho será descrito em objetivos específicos sendo eles: descrever a relação professor e aluno na educação infantil; classificar as metodologias adotadas para o desenvolvimento das atividades cotidianas; destacar a especificidade do termo afeto na educação infantil; caracterizar o perfil dos alunos que demonstra afetividade na sala de aula.

Neste trabalho, o principal foco é entender através da problemática em um Centro Infantil o primeiro contato que a criança tem com a sociedade e este por sua vez passará ser sua primeira visão de mundo, é de suma importância à afetividade deve esta relacionada a todas às atividades curriculares, pois o afeto é a forma mais próxima de demonstração de confiança que o professor passará para criança. Para melhor compreender os assuntos inerentes ao termo escolhido levantaram-se as seguintes questões. Como se dá a capacitação dos educandos na educação infantil? De que forma a afetividade contribui na aprendizagem do aluno? A

afetividade é relevante no desenvolvimento sócio e cognitivo da criança? Qual é a visão da família a respeito da afetividade escolar?

As hipóteses que tentam responder esta problemática vêm à necessidade do professor se atentar sobre como tem sido formado o alicerce no processo de aprendizagem, evitando ambientes hostis, e manter uma relação de amizade, de troca, e respeito mútuo.

Levando-se em conta que o professor não é detentor do saber e sim um mediador, serão então as atitudes que irá determinar em sala de aula alunos verdadeiramente disciplinados onde o ambiente será propício para a aprendizagem, de forma que os alunos irão adquirir habilidade de pensar e capacidade para enfrentar problemas fora de sala de aula.

A afetividade está muito presente no processo de aprendizagem, principalmente quando se trata de educação infantil, por isso a metodologia deste TCC tem com base as pesquisas bibliográficas, tendo como fonte Piaget, Vigotsky, Wallon, Almeida, Pardal entre outros autores, buscando apresentar diferentes opiniões relacionadas ao tema em questão.

Para confirmar os dados, serão realizadas entrevistas com os professores do centro escolhido, a fim de se fazer uma análise sobre a opinião do professor sobre como se trabalhar à afetividade na pré-escola. Assim, ressalta-se que é de suma importância destacar as competências e habilidades dos docentes, pois, sabe-se que ainda há uma carência de profissionais para esse ramo, pois, para se trabalhar com crianças exige-se mais que um diploma.

A pesquisa desta monografia dividiu-se em três capítulos, no primeiro capítulo aborda o significado de afetividade e a opinião dos autores sobre a importância do afeto para relação professor – aluno. O segundo capítulo transcorre sobre a contextualização histórica da educação infantil: Da origem aos dias atuais. E o terceiro capítulo demonstra a análise e a conclusão dos dados obtidos, as entrevistas e a relevância deste trabalho.

Por fim, pretende-se com este trabalho, analisar e discutir a importância do desenvolvimento afetivo entre a relação professor/aluno, revendo o perfil profissional dos professores, averiguando o grau de conhecimento desses profissionais sobre as teorias que valorizam a afetividade aliada à Educação.

1 AFETIVIDADE

1.1 DEFINIÇÃO

Segundo o Dicionário Técnico de Psicologia (CABRAL e NICK, 1999), afetividade é um termo utilizado para designar e resumir não só os afetos em sua acepção mais estrita, mas também os sentimentos ligeiros ou matizes de sentimentais de agrado ou desagrado, enquanto o afeto é definido como qualquer espécie de sentimento e (ou) emoção associada a ideias ou o complexo de ideias.

No Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, (1998), essa palavra designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc. que, podem ser caracterizados como a situação em que uma pessoa "preocupa-se com" ou "cuida de" outra pessoa ou em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou a preocupação de que foi objeto.

O que comumente se chama de "necessidade de A" é a necessidade de ser compreendido, assistido, ajudado nas dificuldades, seguido com olhar benévolo e confiante. Nesse sentido, o A. não é senão uma das formas do amor (v.).

O Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade caracteriza um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. Almeida, afirmando o conceito de afetividade na obra de Wallon:

Diz-nos que a mesma está sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo, manifestando-se através das emoções, das paixões e dos sentimentos. A emoção é a forma de expressão da afetividade que se constitui em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo. (ALMEIDA, 2002:1-10).

Lima, (2008) É a afetividade a parte do psiquismo de mais abrangente domínio da atividade pessoal, sendo mesmo a base do psiquismo, o que há de mais fundamental na conduta e reações individuais. Seu domínio vai desde a sensibilidade corporal, física, interna e externa, abrangendo as sensações corpóreas dos órgãos internos e a sensibilidade tátil, até a interpretação subjetiva das vivências, consciente ou inconsciente, dependendo de características pessoais do

humor e temperamento. Ao penetrar todos os demais aspectos da vida psíquica ela vai influenciar e ser influenciada pela percepção, memória, pensamento, vontade e inteligência, sendo na verdade o componente essencial de equilíbrio e harmonia da personalidade.

Dentre os diversos autores que trabalharam sobre o tema, combinando aspectos da psicologia com a educação, destaca-se Henri Wallon, educador e médico francês, que viveu de 1879 a 1962.

A emoção estaria relacionada ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma reação de ordem física. Já a afetividade teria uma significação mais ampla, na qual se inserem várias manifestações - das basicamente orgânicas (primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta como a fome ou a saciedade) às manifestações relacionadas ao social (sentimento, paixão, emoção, humor, etc.). (WALLON, 1975:117).

Wallon deixou evidente que a afetividade poderia ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Criador da Epistemologia Genética, Piaget (1896-1980) reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva. Para Piaget, a afetividade e a razão constituíram termos complementares: “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”.

Para Vygotsky (1896-1934:76), o desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo referente às conquistas realizadas e o do desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas. As ideias do autor foram consideradas, muitas vezes, cognitivista por ter se preocupado principalmente com os aspectos do funcionamento do pensamento. Entretanto, questionava o dualismo entre as dimensões afetivas e cognitivas quando menciona que a psicologia tradicional peca em separar os aspectos intelectuais dos afetivos-volitivos. O autor afirmava que “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas”.

As contribuições de Wallon, Piaget e Vygotsky estão sendo retomadas pelos educadores para entender a percepção intuitiva de pais e professores de que as experiências e os laços afetivos influenciam os processos de ensino-aprendizagem. Na educação de abordagem construtivista, a preocupação com a forma de ensinar passa a ser tão importante quanto o conteúdo a ser ensinado. Por isso, a intensificação das relações, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a serem pressupostos para o processo de construção do conhecimento.

Afetividade também é concebida como o conhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem.

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva.

Nesse sentido afetividade torna-se um dos fatores preponderantes no processo de relacionamento do adolescente consigo mesmo e com os outros, contudo, isso ocorre a partir de um caráter cognitivo já estabelecido, ou seja, consegue conduzir uma exigência racional nas relações afetivas. Normalmente é uma fase marcada por muitos questionamentos, fortes exigências, novas experiências e constantes preocupações.

Diante de tantas alterações físicas e emocionais, muitas vezes não conseguindo conter ou canalizar tanta energia, iniciam-se os confrontos com pais, professores e até com colegas. Considera-se esse período o mais marcado pelas transformações, talvez seja essa uma das razões pelas quais exista um enorme desejo de se romper com os modelos pré-estabelecidos.

Para Galvão (1995:98), o desenvolvimento do adolescente é marcado por muitos conflitos, que são próprios do ser humano, alguns são importantes para o crescimento, outros provocam muito desgaste e transtornos emocionais. Sendo assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite a esse adolescente enxergar-se nesse processo. Por esse motivo, a mediação do

professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno do segundo segmento do Ensino Fundamental a dar sentido ao seu existir e ao seu pensar.

Quando se fala em proporcionar uma relação professor-aluno baseada no afeto, de forma alguma, confunde-se aqui afeto com permissividade. Pelo contrário, a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocuparem-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões.

Todo educador que deseja adequar sua prática pedagógica à teoria Walloniana deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma integrada, ou seja, deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo. Para finalizar e contribuir com as reflexões acerca da afetividade na escola, Freire salienta.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996:146).

Isso vem reforçar a ideia de que os professores, quando buscam aprofundar seus conhecimentos sobre a importância da afetividade na escola, estão, na verdade, procurando entender tanto de seres humanos, quanto de conteúdos e técnicas educativas. Wallon, (1989:61) considera as questões afetivas como molas propulsoras que promovem o avanço e o desenvolvimento dos indivíduos.

Assim, é necessário conceber a sala de aula como um rico espaço de relações entre alunos e professores. Levando em conta esse cenário de oposição e interação em que, muitas vezes, o convívio harmônico é quase impossível, faz-se necessário salientar mais uma vez o diálogo como um instrumento importante nessas relações.

A palavra afetividade possui conceitos diversos repletos de peculiaridades que os tornam tão singulares quanto complexos. Por isso defini-la é muito mais do que uma simples demonstração de conhecimento linguístico, é, antes de tudo, uma busca desafiadora. E, já que estamos falando em língua portuguesa, é importante

ressaltar que a afetividade tem, em termos gerais, um significado bem abrangente. Destaca-se aqui o seguinte conceito: a afetividade corresponde ao “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza” (FERREIRA, 2009:63).

Jean Piaget, (1998) deixou em seus estudos o evidente lugar ocupado pela afetividade no desenvolvimento humano. Ele procurou caracterizá-la como instrumento propulsor das ações, onde a razão está ao seu serviço. Essa ligação existente entre afetividade e razão fica evidente quando La Taille, interpretando as ideias de Piaget, esclarece que “A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”.

Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a razão contra a afetividade é problemático porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia (LA TAILLE, 1992: 65-66).

Conforme Piaget, “a afetividade é uma condição necessária, mas não a causa do desenvolvimento intelectual”, ele deixa claro que a afetividade é necessária para qualquer ação do desenvolvimento humano, mas não é só com ela que se desenvolve intelectualmente, precisamos da emoção e da razão, juntas.

Piaget (1977:16) Na ótica piagetiana, o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, pois segundo Piaget: “vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas”. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim, é que não se poderia racionar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

1.2 RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Quando se fala em educação estar se pensando em educação escolar, ou seja, a educação que se realiza nas escolas de um sistema de ensino, ainda que saibamos que os processos formativos ocorram também em outros contextos tais como, na família, no trabalho, na cultura e suas manifestações, na igreja e assim por diante.

Citando a educação escolar, parece-nos importante trazer algumas ideias contidas na LDB, Lei nº. 9.394, de 20.12.96.

O Art. 2º “diz que educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Diz também, que o acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo.” (Art. 5º).

Fica aqui muito claramente indicada a importante função social da educação através da escola junto à população tendo em vista a finalidade a que se propõe. Neste sentido coloca-se a educação como um dos direitos sociais mais fundamentais e de responsabilidade do Estado que através de sua política deve prover as condições para que a educação ocorra no sentido de seus objetivos.

Então todo o trabalho educativo que se realiza através da escola tem como base e ponto de partida a compreensão da escola enquanto um dos requisitos primordiais de formação da cidadania de todos os brasileiros.

Portanto, todos os profissionais que estiverem participando direta ou indiretamente de um trabalho educacional escolar têm que ter a consciência desta importante função social da escola. Quando se fala, hoje, em 'Psicologia da Educação' vários termos são utilizados indiscriminadamente como sinônimos, tais como: psicopedagogia, psicologia escolar, psicologia da educação, psicologia da criança, etc.

O estudo da psicologia tem por objeto todos os aspectos das situações da educação, sob a ótica psicológica, assim como as relações existentes entre as situações educacionais e os diferentes fatores que as determinam. Seu domínio é constituído pela análise psicológica de todas as facetas da realidade educativa e não apenas a aplicação da psicologia à educação.

Seu maior objetivo é constatar ou compreender e explicar o que se passa no seio da situação de educação. Por isso, tanto psicólogos quanto pedagogos podem possuir tal especialização profissional. A Psicologia da Educação faz parte dos componentes específicos das ciências da Educação, tal como a sociologia da educação ou a didática. Compõem um núcleo, cuja finalidade é estudar os processos educativos.

Atualmente, rejeita-se a ideia de que a Psicologia da Educação seja resumida a um simples campo de emprego da Psicologia; ela deve, ao contrário, atender simultaneamente aos processos psicológicos e às características das situações educativas.

O desenvolvimento psíquico depende das condições do meio social e cultural, que depende da escola, pois se assume como um meio pelo qual acontecem as relações interpessoais, por isso convém refletirmos o papel dessas relações no desenvolvimento afetivo e intelectual do aluno, por conseguinte, a aprendizagem escolar.

A criança, desde o início da sua vida, depende do meio externo para viver; essa dependência é enorme, e exigem o meio para interpretar, dar sentidos e trazer respostas as suas necessidades. Wallon, (1979:163) considera que o meio social e a cultura constituem as condições, as possibilidades e os limites de desenvolvimento para o indivíduo, e acredita que a relação que este mantém com o meio é de transformações mútuas.

De acordo com o autor o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas a partir de uma relação vincular, portanto, é através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e apropria-se ou constrói relações sociais que influem na relação do indivíduo com os objetos, lugares e situações. (TASSONI, 2000:136).

O autor explica que mesmo os fenômenos afetivos tenham natureza subjetiva são produzidos no meio sociocultural, e estão ligados de forma direta à qualidade das interações sociais. Por isso, é por meio dessas experiências que a criança vivência na escola, que os objetos passarão a ter um valor cognitivo e também afetivo.

Martinelli, (2001:112) considera que condições afetivas favoráveis na sala de aula são essenciais para a facilitação da aprendizagem. É natural que os alunos sejam mais comprometidos com os professores mais afetivos, que estabeleça uma

relação amistosa com os mesmos. Quando ao contrário também é facilmente observado, ao passo que, quando o aluno não gosta do professor, ou vice-versa, o ensino e a aprendizagem são afetados por essa relação de antipatia por ambas às partes.

Na concepção de Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos e professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontecem puramente no campo cognitivo. Existe uma base permeando essas relações. (TASSONI, 2000:270).

A escola é o meio que possibilita as tramas e as experiências diferenciadas, com parceiros e situações também diferentes, pois proporciona situações e vivências essenciais para a construção do indivíduo como pessoa. São através das relações de afetividade que a construção pode acontecer naturalmente.

Almeida (2003:237) afirma que Wallon apresenta três pontos básicos para que a educação sirva de instrumento para a consolidação dessa construção. O primeiro deles diz respeito à ação da escola que não se limita a instrução, mas se dirige a pessoa inteira do aluno, serve de instrumento para o desenvolvimento psicológico da criança, pois só assim, o professor poderá ser capaz de compreender as suas reais necessidades e possibilidades. O terceiro e último ponto diz respeito à importância do meio físico e social para a realização da atividade da criança e seu desenvolvimento.

Essas ideias sintetizam a valorização do aluno no âmbito de sua dimensão humana, pois é associada aos diferentes saberes construídos juntamente com os professores no decorrer da ação pedagógicas, que leva o aluno a compreender, porque são práticas com aspectos intelectuais, aspectos afetivos, que estão presentes e se interpenetram em todas as manifestações do conhecimento.

Segundo Almeida (1999:99), pode-se dizer que a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento sócio afetivo da criança. Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos.

1.3 PRINCIPAIS TEÓRICOS E ESTUDIOSOS

Foram vários os pensadores e filósofos, desde a Grécia Antiga, que apresentaram a dicotomia entre razão e emoção. Platão definiu como virtude a liberação e troca de todas as paixões, prazeres e valores individuais pelo pensamento, considerado, um valor universal e ligado à imutabilidade das formas eternas, Silva (2002:35) e Descartes criou a tão conhecida e famosa afirmação na história da filosofia - "Penso, logo existo" sugerido a possibilidade de separação entre razão e emoção sendo mais adequado, assumiram implicitamente uma hierarquia entre tais instâncias do raciocínio humano, em que o pensamento tem valor de excelência.

Immanuel Kant, (1786:1-13) na obra Fundamentação da metafísica dos costumes, nos advertiu sobre a impossibilidade do encontro entre razão e felicidade, quando afirmou que "quanto mais uma razão cultivada se consagra ao gozo da vida e da felicidade, tanto mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento". Afirmando que Deus fez o homem para ser feliz, não o teria dotado de razão. O filósofo considerava, as paixões como "enfermidades da alma". Tais reflexões estabelecia uma hierarquia entre a razão e as emoções.

A partir das contribuições dos filósofos, os teóricos estão mantidas nos dias atuais, traduzidas sob metáforas da vida cotidiana. Nessa perspectiva, para uma pessoa tomar decisões corretas é necessário que se livre ou se desvincule dos próprios sentimentos e emoções, deixando a impressão de que, em nome de uma resolução sensata, deve-se desprezar controlar ou anular a dimensão afetiva.

Na história da psicologia, o cenário parece não ser muito diferente por causa da influência da filosofia, que durante muitas décadas as teorias psicológicas estudaram separadamente os processos cognitivos e afetivos.

Dificuldade em estudá-los de forma integrada, seja por crença dos psicólogos e cientistas que se debruçaram sobre a temática, tal separação parece ter nos conduzido a uma visão parcial e distorcida da realidade, com reflexos nas investigações científicas e no modelo educacional ainda vigente.

Os cientistas comportamentais, por um lado, ao centrarem seus estudos apenas nos comportamentos externos dos sujeitos e, portanto, relegando a um segundo plano experiências mais subjetivas, como a das emoções, e algumas concepções cognitivistas que buscam compreender o raciocínio humano apenas em

sua dimensão semântica ou por meio de formalizações puramente lógicas, são exemplos desse modelo.

Por outro lado, e de forma também distorcida, podemos entender algumas teorias que privilegiam os aspectos afetivos e/ou inconscientes nas explicações dos pensamentos humanos, dedicando um papel secundário aos aspectos cognitivos.

No campo da psicologia quanto no campo da neurologia, algumas perspectivas teóricas e científicas questionam os tradicionais dualismos do pensamento ocidental, apontando caminhos e hipóteses que prometem inovar as teorias sobre o funcionamento psíquico humano, na direção de integrar dialeticamente cognição e afetividade, razão e emoções.

A teoria de Vygotsky, (1988:11) fundamenta-se no desenvolvimento humano como resultado de um processo sócio-histórico, uma maior importância ao papel da linguagem e da aprendizagem, tendo como centro das atenções a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. A formação de conceitos se dá através das relações entre o pensamento e a linguagem, questões culturais na construção de significados, processo de internalização e ao papel da escola enquanto transmissora de conhecimentos.

O autor propõe uma visão de formação das funções psíquico superiores tais como a internalização mediada pela cultura. Segundo Vygotsky, existe a Zona de Desenvolvimento Proximal, que diz respeito à distância entre o nível de desenvolvimento atual e o nível potencial do desenvolvimento. A ideia de Mediação enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações. A linguagem representa uma grande importância para a evolução humana. É por meio dela que criamos conceitos, formas de organização do real, a mediação entre sujeito e o objeto do conhecimento.

Na Cultura que é fornecido ao ser humano os sistemas simbólicos de representação da realidade, que estão em constante progresso de recriação e reinterpretarão de informações, conceitos e significações. Para o funcionamento do psicológico, o desenvolvimento do processo de internalização que envolve uma atividade externa que deve ser modificada para se tornar uma atividade interna, é interpessoal e se torna intrapessoal. A interação social se dá no pensamento, memória, percepção e atenção. A motivação, a necessidade, impulso, emoção e afeto, parte através do pensamento. Outra importância da relação ensino-

aprendizagem no aspecto emocional se dá através do que Vygotsky classifica como influência da educação no sentimento.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente. (VYGOTSKY, 1993:25)

O autor alerta que reconhecer a íntima relação entre o pensamento e a dimensão afetiva é uma condição necessária, porém não suficiente para os estudos psicológicos. Desse modo, as dimensões do afeto e da cognição estariam, desde cedo, íntima e dialeticamente relacionadas. Nessa perspectiva a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral. Sendo assim, seu papel na configuração da consciência só pode ser examinado por meio da conexão dialética que estabelece com as demais funções e não por suas qualidades intrínsecas.

Autores como: Piaget, Vygotsky e Wallon contribuem com suas teorias de forma significativa e eficaz para a compreensão do desenvolvimento humano no processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais. Jean Piaget oferece aos professores uma teoria didática para que possam desenvolver as capacidades e habilidades cognitivas e afetivas nos alunos por meio de estímulos. É de suma importância a definição dos períodos de desenvolvimento da inteligência para que auxilie o professor no entendimento da fase que seus alunos estão passando e montar uma didática específica para o grupo.

Baseado na teoria de Vygotsky, o professor é o mediador entre o sujeito e o objeto de estudo, interferindo no processo de aprendizagem, levando em conta aspectos da linguagem, cultura, processo de internalização, função mental e zona de desenvolvimento proximal.

O aluno aprende junto ao outro o que produz o grupo social seja na linguagem, valores ou conhecimentos. Wallon propõe uma teoria pedagógica tendo

o meio como um conjunto de circunstâncias no qual as pessoas se desenvolvem interagindo com o outro.

Galvão, (2003: 71-73) afirma que Wallon, aborda as manifestações essencialmente expressivas, as emoções diferenciam-se de outras manifestações da afetividade cuja gênese depende da representação simbólica, como os sentimentos e as paixões.

Assim, busquei outro autor que contribui para entender as emoções e as relações afetivas, principalmente o brincar entre mãe e filho. Maturana (2004) afirma que vivemos numa cultura que desvaloriza as emoções em favor da razão. Valorizar a racionalidade como expressão básica da existência humana é positivo, mas não podemos deixar de levar em conta as emoções.

Do ponto de vista biológico, o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é no presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua – e sem expectativas sobre o futuro, com sua mãe e os outros adultos com os quais ela convive (MATURANA, 2004: 223).

A criança precisa ser amada como ela é, com atenção no que ela produz, nas suas próprias atividades e não com expectativas em seus resultados.

Para Wallon, o potencial mobilizador das emoções resulta de um traço que lhes é essencial: sua extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo. Esse traço estaria na base das interações mãe/bebê uma espécie de simbiose afetiva em que os parceiros parecem mergulhados e no diálogo que estabelecem e também das relações entre os membros de grupos adultos.

Explicaria também a facilidade pela qual a atmosfera emocional domina eventos que reúnem grande concentração de pessoas, como comícios, concertos de música, rituais religiosos, situações que podem levar à profunda comunhão e solidariedade entre as pessoas ou à manipulação.

Para Galvão, (1995: 61) os conceitos, princípios e direções expressos na teoria de desenvolvimento de Henri Wallon são instrumentos que nos auxiliam na compreensão do processo de constituição da pessoa, no movimento que vai do bebê ao adulto de sua espécie, conforme os modelos que a cultura do seu tempo disponibiliza.

1.4 INSTITUIÇÕES E ÁREAS DE ESTUDO

São observadas no cotidiano escolar crianças “abandonadas” pelos pais tendem a não confiarem em si mesmos como também nos outros. Nas atividades em conjunto os mesmos tendem a apresentar um comportamento agressivo, com pouco interesse para desenvolverem as atividades propostas dentro e fora da escola, mais sentimentos negativos que positivos. Segundo Fernandes, (1990:163) “Se alguém não se investiu de amor, não poderá dá-lo a outro”. Dessa forma, algumas crianças evitam os colegas, isolando-se ou sendo rejeitadas por eles.

Os currículos escolares brasileiros são geralmente organizados por disciplinas, com ênfase, sobretudo na área cognitiva. Esses deveriam ser tecidos nas tramas da afetividade e racionalidade em defesa de uma educação compromissada com a formação de pessoas livres, íntegras, críticas, autônomas, criativas, responsáveis e amorosas, cuja vida seria pautada nos princípios de igualdade, justiça, reciprocidade cooperação, tendo em vista a construção de um mundo melhor e mais fraterno.

No cotidiano escolar são comuns as situações de conflito envolvendo professores e alunos: turbulência e agitação motora, dispersão, crises emocionais, desentendimentos entre alunos e destes com o professor; irritação, raiva, desespero e medo. (WALLON, 1996:104).

Em relação à opinião do autor, a vida moderna, a necessidade de sobrevivência, a mudança do papel da mulher na família, às inovações tecnológicas, a palperização da classe média, dentre outros fatores, trouxe para a escola, outro homem que necessita ter uma formação baseada nos valores do grupo social, sendo assim a estrutura atual e o funcionamento da escola não atende esse princípio, ela necessita ser repensada.

O pensamento que tem perpetuado entre os profissionais da educação é que o problema da educação se resolveria com a melhoria das salas de aula, bibliotecas, laboratórios, matérias pedagógicos, equipamentos de informática e audiovisuais.

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdo e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (SALTINI, 2002:15).

O autor acredita que existe uma série de distorções que devem ser analisadas uma vez que nos primeiros anos de escola a criança passa a vivenciar um processo de pressões.

Para Piaget, (1994:61) “o pleno desenvolvimento da personalidade, sob seus aspectos mais intelectuais, é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem a vida da escola”. Diante desse contexto é necessário que o professor compreenda o aluno enquanto sujeito do conhecimento em sua plenitude. Na maioria das vezes nos perguntamos, porque as crianças não “aprendem”, mas não nos perguntamos por que nos negamos tanto a aprender a “educar”.

As dificuldades de aprendizagem das crianças podem ser oriundas da forma como são tratadas em casa e na escola. Dessa forma o ato educativo deve estar a serviço do desenvolvimento do bem-estar do Homem, e a educação deve tomar para si esse problema, auxiliando o homem desde a sua infância, não somente, a interagir com o meio, mas principalmente conhecê-lo no sentido amplo deste termo.

A escola deve considerar que os anos que nela passamos são momentos de construção de conhecimentos para a vida. A quantidade de informações que a sociedade contemporânea nos fornece, são oriundos dos mais diferentes lugares e a escola não tem conseguido acompanhar essa evolução, aumentando de forma singular à distância entre o saber e o ser. De acordo com Piaget (1981:2-3) o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento.

Passamos vinte e cinco anos de nossa vida sendo educados pela escola, restando mais quarenta, cinquenta anos aproximadamente para viver. Nesses anos, a maioria das vezes tem que ir a busca de um terapeuta e ficarmos de 5 a 10 anos deitados num divã para começarmos a aprender esse universo interno que constantemente atua sobre nossa vida (SALTINI, 2002:70).

Talvez a explicação dada pelo autor para a crise da educação tradicional seria o valor a que se dá ao aspecto informativo e não “transformador”. Educação e afeto poderiam caminhar juntos. A tarefa de todo educador deveria ser a de formar seres humanos felizes e equilibrados.

A escola é o segundo grupo da escala social mais importante na vida das crianças. Hoje, boa parte delas, ingressa nas instituições aos quatro meses de idade, para o professor é de fundamental importância à compreensão do desenvolvimento humano nos primeiros anos de vida. Esse conhecimento capacita o educador, tornando-o apto a entender as características psíquicas, biológicas e comportamentais da criança em uma fase específica do seu crescimento, possibilitando o reconhecimento de possíveis deficiências no processo, bem como a devida intervenção. (MENDONÇA, 2007:32).

Durante muitos anos, a dificuldade de aprendizagem era vista como problema orgânico. Depois da aplicação de teorias psicanalíticas na área médica essa visão foi modificada com as novas concepções sobre tais dificuldades. Surge o movimento da Escola Nova que durou dos anos 20 até 60. Por meio de experiências educativas existentes nos Estados Unidos e na Europa, o Brasil se empenhou em encontrar respostas para os problemas educacionais que buscava enfatizar uma pedagogia humanística.

Só a partir da década de 80 a psicopedagogia conseguiu se estruturar graças a sua funcionalidade e eficiência ao tratar com dificuldades de aprendizagem, atuando de forma direta nas escolas de todo o mundo. O processo de ensino-aprendizagem vai além dos conteúdos didáticos. É necessário conhecer e acompanhar individualmente o desenvolvimento de cada criança durante o período escolar para que seja proporcionada a cada estudante uma metodologia que facilite seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. (GOUVÊA, 2005:83).

Piaget desenvolveu estudos científicos em diversos campos como a psicologia do desenvolvimento, epistemologia genética e a teoria cognitiva. O indivíduo tende a um equilíbrio, que está relacionado a um comportamento adaptativo em relação à natureza, que por sua vez sugere um sujeito de características biológicas inegáveis, as quais são fonte de construção da inteligência.

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico: com este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio (PIAGET, 1974:13).

Dos quatro a oito anos as crianças vivem o período intuitivo que é marcado pelo desejo de explicação dos fenômenos, onde os por quês são frequentes. Já distinguem a fantasia do real. O estágio operatório concreto (7 a 11 anos aproximadamente), as crianças começam a lidar com conceitos abstratos e é caracterizado por uma constante habilidade de solucionar problemas concretos e por

uma lógica interna. O sujeito já é capaz de organizar o mundo da forma lógica ou operatória. Nesse momento as crianças formam grupos, círculos de amigos, compreendendo regras e estabelecem compromissos. Mas, discutir pontos de vista e chegar a um senso comum só será possível na fase seguinte.

O operatório formal (aproximadamente a partir dos 12 anos), a criança inicia sua transição para o modo de pensar do adulto, sendo capaz de refletir sobre ideias abstratas e raciocinar sistematicamente. A partir de estruturas lógico-matemático e hipotético-dedutivo é possível à dialética, permitindo uma conclusão diante de uma discussão e estabelecer relações cooperativas e reciprocidade em grupos sociais. Desenvolvimento intelectual possui dois componentes que são o cognitivo e o afetivo. Ambos se dão paralelamente e é de fundamental importância o cuidado com o aspecto afetivo no processo de ensino-aprendizagem, pois ela é a dimensão que representa a dificuldade na tomada de consciência do eu e do outro.

De acordo com Rodrigues (2001:52-53), a relação afetiva ou relação de apego, como se pode chamar também, vai sendo edificada desde a primeira infância e vai sendo elaborada durante toda a vida. A autora ressalta, ainda, sobre a necessidade de estarmos atentos para a construção dos vínculos afetivos das crianças, dos educadores e das famílias, principalmente durante o período de adaptação na instituição.

É nossa função estarmos atentos para a construção dos vínculos afetivos das crianças dos educadores e das famílias, principalmente durante o período de adaptação na instituição. A adaptação não é algo estático, é um processo de mudança, de desenvolvimento, de atendimento às novas necessidades das crianças e às angústias dos pais, geradas pela insegurança e pela incerteza da aceitação da criança em um novo espaço, mediante uma nova história que se inicia. Pode-se, portanto dizer que o educador serve de continente para a criança, sendo o espaço onde são depositadas as pequenas construções e onde elas são valorizadas e acolhidas como num seio materno.

1.5 APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

A afetividade é de suma importância para a educação, ou seja, para uma escola construída a partir do respeito, compreensão e autonomia de ideias. A partir da educação afetiva podem-se desenvolver sujeitos, que está no gozo dos direitos civis e políticos e também desempenha deveres. Sujeitos críticos, que têm opinião própria. Honestos, com verdade em seus atos e declarações, não propensa a enganar, mentir ou fraudar.

E responsáveis que respondem pelos próprios atos. Assim o desenvolvimento da afetividade é fundamental para qualquer indivíduo. Portanto, é de fundamental importância abordar que a ação pedagógica deve nortear a relação afetiva que influenciará no desenvolvimento do aluno, tendo em vista diferenças individuais e comportamentais inerentes ao ser humano.

De acordo com a pedagoga afetividade é um conceito amplo, integra relações afetivas como a emoção (medo, cólera, alegria, tristeza), a paixão e o sentimento, inerentes ao processo ensino-aprendizagem. O ensino é um movimento liderado e coordenado por um profissional, ou seja, o docente que intervém e media o conhecimento. (ALMEIDA, 2005:23).

De acordo com a citação acima, sem afeto então, não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há também questionamentos, e sem eles, não há desenvolvimento mental. Afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra.

Aprendizagem é a consequência da intervenção e da mediação do docente, resultando na apropriação dos discentes, dos conhecimentos, habilidades e atitudes que depois de internalizados serão socializados. Para que a aprendizagem provoque uma efetiva mudança de comportamento e amplie cada vez mais o potencial do discente, é necessário que ele perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua vida.

É o processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. Este processo pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem. Aprendizagem é uma das funções mentais mais importantes em

humanos e animais e também pode ser aplicada a sistemas artificiais. Aprendizagem humana está relacionada à educação e desenvolvimento pessoal. Deve ser devidamente orientada e é favorecida quando o indivíduo está motivado. O estudo da aprendizagem utiliza os conhecimentos e teorias da neuropsicologia, psicologia, educação e pedagogia.

Aprendizagem como um estabelecimento de novas relações entre o ser e o meio ambiente tem sido objeto de vários estudos empíricos em animais e seres humanos. O processo de aprendizagem pode ser medido através das curvas de aprendizagem, que mostram a importância da repetição de certas predisposições fisiológicas, de "tentativa e erro" e de períodos de descanso, após o qual se pode acelerar o progresso. Esses estudos também mostram o relacionamento da aprendizagem com os reflexos condicionados.

De acordo com Noronha, M e Noronha, F. E. Z. Aprender é incorporar um comportamento. Entendendo o comportamento como um ato humano, com sentido, uma forma de comunicar e expressar desejos humanos. Os autores referem que o indivíduo é único, logo atribui significado próprio a cada um dos seus comportamentos que diferem do significado atribuído pelos outros indivíduos. Assim é necessário entender as aprendizagens incorporadas em cada um dos comportamentos.

A aprendizagem é um assunto bastante discutido por vários estudiosos, que enumeram alguns tipos de aprendizagem, definindo-os: O foco da teoria de Ausubel sustenta três tipos gerais de aprendizagem Moreira (1982:89-90) Aprendizagem cognitiva: é aquela que resulta no armazenamento organizado de informações na mente do ser que aprende.

E esse complexo organizado é conhecido como estrutura cognitiva; Aprendizagem afetiva: é aquela que resulta de sinais internos ao indivíduo e pode ser identificada como experiências tais como prazer e dor, satisfação ou descontentamento, alegria ou ansiedade.

Algumas experiências afetivas acompanham sempre as experiências cognitivas, portanto a aprendizagem afetiva é concomitante com a cognitiva. Aprendizagem psicomotora: é aquela que envolve respostas musculares adquiridas mediante treino e prática, mas alguma aprendizagem é geralmente importante na aquisição de habilidades psicomotoras tais como aprender a tocar piano jogar golfe ou dançar balé.

A escola é um espaço de multiplicidades, onde diferentes valores, experiências, concepções, culturas, crenças e relações sociais se misturam e fazem do cotidiano escolar uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Essa rica heterogeneidade que permeia a escola acaba por se confrontar com uma estrutura pedagógica que está baseada num padrão de homem e de sociedade, que considera a diferença de forma negativa, gerando assim uma pedagogia excludente.

A descrença de que a escola possa constituir-se num espaço de construção de conhecimento, de alegria, de formação de pessoas conscientes, participativas e solidárias, tem recrudescido. Os sentimentos em relação a ela têm sido de desilusão, desencanto e impotência diante dos inúmeros problemas cotidianos.

Um deles refere-se às relações eu outro, a não aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, na inabilidade de se lidar com os conflitos comuns ao convívio humano, ou seja, questões ligadas à afetividade que integra a emoção, a paixão e o sentimento, presentes em todas as relações humanas. Esses e outros problemas estão presentes no cotidiano da escola, e superá-los implica um desafio imbricado em questões políticas, econômicas sociais e pedagógicas. (MATURANA, 1999: 23)

Mas é necessário encarar este desafio como uma utopia, como uma possibilidade de mudança em que a busca e o diálogo estimulem a capacidade reflexiva e a construção de uma visão plural do conhecimento. É preciso levar em conta o sujeito concreto, contextualizado no tempo e no espaço – professor e aluno – atuante no cenário educativo, que pensam, sentem, sofrem, amam e criam. O sujeito é um espaço de singularidade, gestado no conflito, nas diferenças, no heterogêneo.

A escola deve proporcionar um espaço de reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. Esse processo não deveria dissociar-se da afetividade, a qual é retratada pelos conteúdos atitudinais, em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997:22-23) defendem alguns princípios que deveriam orientar a educação escolar, como a dignidade da pessoa humana, o que implica respeito aos direitos humanos, a igualdade de direitos, a participação como princípio democrático e a com responsabilidade pela vida social.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL: DA ORIGEM AOS DIAS ATUAIS

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Entende-se por Educação Infantil toda e qualquer educação destinada às crianças com idade inferior a idade da escolaridade obrigatória. No caso específico do Brasil, o período que vai do zero a cinco anos. A amplitude de tal concepção implicou o uso da expressão educação/ atendimento para designar a princípio toda e qualquer Educação Infantil. Não obstante as diferentes concepções que a educação infantil foi assumindo ao longo do tempo na sua história, bem como na Legislação de diferentes países.

A educação não é mérito de um único professor ou de uma única escola, mas é o objetivo de todo docente e de toda comunidade escolar. Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela. Para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

A Constituição Brasileira de 1988 estabelece que "educação" é "um direito para todo um dever do Estado e da família". Todo brasileiro deve estar voltado para a Educação. Este é o princípio do Papel da Educação. Mas isto é muito relativo.

Desde o início da Educação no país, o papel da escola no Brasil é de ensinar a submissão à autoridade ou à oligarquia, nos dias de hoje. Se tomarmos como esse o "verdadeiro" papel da escola, então ela está fazendo um excelente trabalho, como aparelho ideológico.

Se o verdadeiro papel da escola é o de ser meio de ascensão social, então o papel não pode ser considerado totalmente cumprido, mas é razoável. Se o verdadeiro papel é o de formar cidadãos críticos então a educação está em recuperação.

A história da educação no Brasil começou em 1549, com a chegada dos primeiros padres jesuítas, inaugurando uma fase que haveria de deixar marcas profundas na cultura e civilização do país. Movidos por intenso sentimento religioso de propagação da fé cristã, durante mais de 200 anos, os jesuítas foram praticamente os únicos educadores do Brasil. Embora tivessem fundado inúmeras

escolas de ler, contar e escrever, a prioridade dos jesuítas foi sempre a escola secundária, grau do ensino onde eles organizaram uma rede de colégios reconhecida por sua qualidade, alguns dos quais chegaram mesmo a oferecer modalidades de estudos equivalentes ao nível superior.

Em 1759, os jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias, abrindo um enorme vazio que não foi preenchido nas décadas seguintes. Com a expulsão saíram do Brasil 124 jesuíta da Bahia, 53 de Pernambuco, 199 do Rio de Janeiro e 133 do Pará. A educação jesuítica não convinha aos interesses comerciais emanados por Pombal.

Pelo alvará de 28 de junho de 1759, ao mesmo tempo em que suprimia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias, Pombal criava as aulas régias de Latim, Grego e Retórico. Criou também a Diretoria de Estudos que só passou a funcionar após o seu afastamento. Cada aula régia era autônoma e isolada, com professor único e uma não se articulava com as outras.

Kramer, (2003:52) que emprega, com alguma modificação, uma classificação, em três fases, feita por Moncorvo filho, para situar historicamente a atenção à criança no Brasil, do descobrimento até 1930: primeira fase, do descobrimento até 1874; segunda fase, de 1874 até 1889; e terceira fase, de 1889 até 1930.

Na primeira fase, do descobrimento até 1874, pouco se fazia pela criança. Os primeiros movimentos assinalados pela história no sentido de assistir crianças foi uma iniciativa sinalizada por Farias, (2005:33), na qual as Câmaras Municipais do Brasil passaram a destinar uma quantia monetária ao acolhimento de crianças negras, mestiças ou brancas que eram abandonadas, as chamadas crianças enjeitadas.

Amas-de-leite e criadoras eram pagas com essa quantia para criarem as crianças abandonadas e, sistematicamente, apresentavam as crianças às autoridades governamentais. Num segundo momento, foram fundadas as Rodas dos Expostos, que eram instituições católicas de cunho caritativo, que se espalharam pelos países católicos e foram implantadas no Brasil no início do século XVIII, via Santa Casa de Misericórdia; tinham como objetivo acolher crianças das primeiras idades, sem identificar as pessoas que as abandonavam. Para os abandonados maiores de doze anos existia a Escola de Aprendizes Marinheiros, fundada pelo Estado em 1873.

Farias (2005:49), nos apresenta outro aspecto ao olhar o cotidiano das crianças que fizeram parte da história do Brasil nessa fase inicial: o caráter educativo e pedagógico, sem abandonar o percurso da assistência dada à criança. Indica a chegada dos jesuítas no Brasil como o início da história da educação, ainda que a marca fosse mais de instrução de matéria religiosa do que de instrução de outra natureza (como leitura e escrita).

A partir de 1549, a Companhia de Jesus se ocupou de educar a criança, vista como uma folha de papel em branco, passível de ser moldada e educada para a submissão e disciplina. Havia uma distinção entre a criança da casa-grande e a criança escrava: para as primeiras, além da educação jesuíta oferecida a partir dos seis anos, era reservada instrução em casa para a aprendizagem das primeiras letras; para as demais, nenhum direito à educação, mas o dever de aprender algum ofício, também a partir dos seis anos. É com este crivo de desigualdade que começamos a nossa história.

Pardal, (2005:51-72) a construção das primeiras ideias a respeito da creche no Brasil. Tanto a palavra 'creche' quanto sua finalidade e funcionamento foram importados da França que teve a primeira creche implantada em 1844. A participação do imperador e da imperatriz do Brasil na vigésima sessão pública da Sociedade de Creches, em Paris, nos rendeu a versão brasileira que definia essa instituição: "uma sociedade beneficente é estabelecida entre pessoas caridosas que desejam concorrer e fundar uma creche para crianças pobres de menos de dois anos, cujas mães trabalham".

O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para a criança no Brasil 261 fora do seu domicílio e tenham uma boa conduta. A definição estabelece uma divisão entre classes na medida em que se propõe atender, apenas, as crianças pobres; e tem como outro propósito a liberação da mão-de-obra feminina. Ao mesmo tempo em que se constituía o espaço de atendimento às crianças pobres, datam de 1877 e 1880 os primeiros jardins-de-infância no Brasil: o primeiro, em São Paulo, na Escola Americana, atual Instituto Mackenzie e, o segundo, no Rio de Janeiro, ambos destinados às famílias de alto poder aquisitivo, possibilitando às mães se dedicarem às prendas domésticas. (PARDAL, 2005:61).

É apenas na terceira fase, de 1889 até 1930, que se percebem ações que demonstram maior atuação da administração pública voltada para a criança. Em 1897, foi inaugurado, em São Paulo, o edifício do Jardim da Infância, com o objetivo de educar as crianças com idade compreendida entre quatro e sete anos⁷. O Jardim

da Infância ou Kindergarten, embasado nas ideias do filósofo alemão Friedrich Wilhem August Froebel, tinha como objetivo e prática educar os sentidos das crianças. Utilizando jogos, cantos, danças, marchas e pinturas, o intuito era de despertar o divino que existia no interior da alma humana. No ano de 1899, foi fundado o Instituto de Proteção e Assistência à Criança do Brasil que tinha, dentre outros objetivos, criar creches e jardins de infância.

Em vigor a partir de 1998, o RCNEI propõe a integração entre educar e cuidar como função da educação infantil e apresenta um conceito de educação no qual aprendizagem e desenvolvimento são processos interligados e dependentes:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998:23).

O documento, assim como a LDB, adota a divisão por faixa etária: a educação infantil é oferecida em creches, para crianças de até três anos de idade, e em pré-escola, para crianças de quatro a seis anos.

Cerisara (2003:19-50) afirma que o maior consenso entre os pareceres analisados foi o de que a educação infantil é tratada na versão preliminar do RCNEI como ensino e a criança tratada como aluno, desconsiderando o binômio educação/cuidado.

Dos setecentos pareceres solicitados, o MEC recebeu duzentos e trinta e produziu a versão final referida anteriormente. Como documento mais recente, temos os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, construído pelo MEC em 2006.

O texto está dividido em dois volumes e tem como objetivo ser utilizado como referência de qualidade da organização e funcionamento em sistemas educacionais, por creches, pré-escolas e centros de educação infantil em todo o território nacional (BRASIL, 2006).

A versão final conta com a participação de representantes das esferas estaduais e municipais da educação, assim como especialistas na área da educação infantil. O próprio texto faz indicações da necessidade de criação de instrumentos e implementação, para além da discussão teórica.

2.2 TIPOS DE INSTITUIÇÃO: DO BERÇÁRIO À CRECHE

Em 1801, a marquesa de Pastoret funda uma creche com doze berços. Embora de curta duração, foi uma iniciativa pioneira na França. De acordo com Civiletti (1991:34), a implantação de creches na França é atribuída a Marbeau, a primeira surgindo em 14 de novembro de 1844. Em 1816, Robert Owen (1771 – 1858) abriu junto a sua fábrica têxtil de NewLanark, na Escócia, uma “*Infant School*” para os filhos de seus operários.

Era o início da passagem do usual atendimento ou assistência para uma ação de educação e de instrução. O italiano Aporti, se baseado na experiência inglesa, abre em Cremona, dezesseis anos após a iniciativa de Owen, o primeiro asilo destina somente a crianças pobres.

No princípio, a escola infantil de Aporti (1791-1858) foi destinada somente a criança de famílias abastadas, posteriormente aceitando as crianças pobres. Aporti não foi um grande teórico da educação infantil, mas trabalhou dedicadamente para que a primeira infância não fosse apenas protegida, mas também educada e instruída.

Observa Vieira (1988:39-65), ainda que, no Brasil, ao longo de toda a história da atenção à criança pequena e, particularmente, em creches, o tipo de atendimento prestado foi regido por diferentes discursos e saberes. Na década de 40, os cuidados eram extremamente vinculados à esfera médica (sanitaristas e higienistas).

Seu objetivo era nutrir as crianças e promover aspectos ligados à saúde das mesmas, já que aquela instituição se destinava basicamente às camadas muito pobres da população. Ao mesmo tempo, esta atuação procurava evitar que a creche se transformasse em um foco de doenças.

Oliveira e Rossetti-Ferreira, (1986:34), confirmam que nas décadas de 60-70, a creche passou a ser encarada como um local de promoção de educação compensatória, já que se considerava que determinadas famílias eram incapazes de educar a criança. Só mais recentemente, a creche passou a ser concebida como uma instituição que atua em parceria com os pais e compartilha com eles a responsabilidade da educação de crianças, buscando-se alcançar os cuidados integrais das mesmas.

Dentro de um contexto histórico, as creches significaram, por muito tempo, o local onde as mães pobres deixavam suas crianças para poderem trabalhar. À medida que as mulheres foram ingressando no mercado de trabalho, esse conceito foi passando por mudanças.

Hoje, uma creche é uma instituição educacional que propõe uma forma inovadora de criar uma criança, onde ela recebe todos os fatores necessários, do físico ao intelectual. Os professores de uma creche são preparados em educação infantil, dedicando-se a crianças de 0 a 4 anos e dando aos pais a tranquilidade de que precisam para trabalharem sem preocupação.

Observamos que, no final do século passado, a creche tinha um papel mais assistencial, de atendimento a filhos de mães solteiras, as quais não tinham condições de ficar com a guarda dos filhos. Aos poucos, essa característica foi se alterando, principalmente a partir da imigração de europeus ao país, os quais, dentre suas reivindicações trabalhistas, requeriam creches para os filhos de mulheres trabalhadoras casadas (OLIVEIRA apud FERREIRA, 1986:16-17).

A algum tempo de acordo com informações do autor, a maioria das creches era municipal, hoje, a iniciativa privada também tem se destacado. Como o desenvolvimento da criança nessa fase de 0 a 3 anos é muito importante, as creches devem ter profissionais qualificados, que orientem o desenvolvimento de suas crianças. A creche é uma instituição cada vez mais presente na vida das crianças pequenas e de suas famílias.

Kulhman Junior (1990:81), ao analisar as diferentes instituições assistencialistas destinadas à criança pré-escolar no Brasil durante o período compreendido entre os anos de 1899 a 1922, afirma que essas instituições – as creches, os asilos e os jardins de infância – foram “fruto de uma articulação de forças jurídicas, empresariais, políticas, médicas, pedagógicas e religiosas, em torno de interesses sustentados por três influências básicas: a médico-higienista, a jurídico-policial e a religiosa”.

A partir dessas informações, podemos afirmar que movimentos históricos e culturais fazem da educação de bebês em espaços coletivos uma realidade crescente e desejada por diferentes setores da sociedade.

E se antes disso a educação das crianças pequenas se dava no enredo das relações sociais produzidas no entorno familiar – portanto muitas vezes feita de

forma não intencional – hoje, na creche, espera-se que ela tenha outro caráter, ou que seja intencional reflexiva e científica.

Cerisara (2002:12), ao discutir a formação das profissionais da educação infantil no contexto da passagem das instituições de atendimento à primeira infância das Secretarias de Assistência Social para as Secretarias de Educação, no Brasil, afirma que a divisão da caracterização dos diferentes tipos de trabalho realizados em creches e pré-escolas – de um lado, as instituições que realizavam um trabalho “assistencialista”.

E de outro, as que realizavam um trabalho “educativo” - deixa implícita a idéia de que haveria uma forma de trabalho mais ligada às atividades de assistência à criança pequena, de caráter não educativo, onde as práticas sociais do modelo familiar e/ou hospitalar eram levadas para as creches e pré-escolas; e outra forma que trabalhava num modelo educativo, que em geral se traduzia no modelo escolar das escolas de ensino fundamental levadas para as creches e pré-escolas.

Zilma de Moraes Oliveira (1992:37-40), afirmam que conceber a creche como uma instituição educativa é um fato recente, decorrência de um movimento histórico “que possibilitou mudanças significativas na forma de conceber a criança, o modo como ela se desenvolve e as funções da família”.

Para as autoras, para que a creche afaste-se de concepções filantrópicas, custodiais higienistas com que tem sido identificada historicamente, é preciso que os profissionais que nela atuam discutam qual seria a proposta pedagógica orientadora de seu trabalho junto às crianças.

Para elas, para que a prática pedagógica na creche efetivamente aconteça, é preciso um estudo crítico sobre o papel dessa instituição junto à criança e à família – principalmente as de baixa renda.

A creche deve ser considerada um contexto de desenvolvimento das crianças, garantido através de um atendimento educativo de qualidade e complementar ao papel educativo das famílias.

De acordo com o pensamento de Piaget (1977:35), o principal objetivo da educação seria criar homens capazes de inventar coisas novas e não apenas meros repetidos daquilo que as outras gerações fizeram.

A meta deveria ser formar homens criativos e descobridores, pessoas capazes de criticar, construindo e não destruindo, que vão à busca de verificação e não aceitam tudo o que lhes é proposto.

2.3 ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS

A criança é o fator inicial e principal da tarefa de educar que o profissional docente deve ter em mente. É a partir das especificidades desse pequeno ser, que o professor acompanhará dia-a-dia a trajetória de aprendizagem e desenvolvimento da mesma.

A formação das crianças está ligada ao desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo para que no amanhã sejam adultos críticos e reflexivos frente à realidade em que se deparará. Porém, esse desenvolvimento se dá desde o nascimento, abrangendo aspectos dos mais diversos: ambientais, crenças, status social da família, etc.

Por mais que se deseje formar seres humanos capacitados à leitura diferenciada do mundo, vale lembrar que quando ainda criança, essas não se desenvolvem de maneira uniforme.

É preciso ter consciência que criança pensa, investiga, brinca, sente, pensa e se expressa. Sendo assim, cabe ao professor conhecer cada um de forma íntegra. Apesar de alguns graus de dificuldade, descobriu-se que o trabalho com a infância é determinante para o desenvolvimento integral do ser humano. Então, a formação dos professores da Educação Infantil hoje é um direito dos próprios professores e também das crianças.

Deve-se ter em mente que a simples formação oficial não pode e nem deve ser vista como a única exigência para se tornar professor de educação infantil. Sabe-se que muitas vezes a prática nos ensina mais que a teoria. Porém, àqueles que desejam atuar no cuidado e na educação de crianças precisa manter-se qualificado para tal atividade.

Ser professor de Educação Infantil diz respeito a todos os profissionais responsáveis pela educação direta da criança na faixa etária de 0 a 6 anos. Dos Profissionais da Educação:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (LDB 9394/1996).

O professor que atua como educador infantil deve ter uma preocupação específica de como lidar com crianças, ao se tratar de alunos iniciantes no convívio escolar surgem situações diferentes e inesperadas em relação às demais fases escolares. É enorme a responsabilidade, pois é através desse que as crianças entram em contato após a família.

É na escola, como um segundo ambiente socializador que a criança começa a ampliar sua rede de relações e, que através dela e o educador, constrói conhecimentos significativos a seu modo de perceber a vida.

Em toda educação, o que mais marca é primeiro, o amor; depois, o exemplo; e, em terceiro lugar, o ensino, seria essencial que o (a) educador (a) infantil tivesse ilimitado amor a sua profissão e integral condição de transmiti-la através de seus atos, seus gestos e de suas intervenções. Que gostasse muito de crianças e que mostrasse extremamente sensível ao afeto que desperta (ANTUNES, 2006: 60-61).

Para o autor a educação deve ser considerada um processo de formação contínua, pode-se dizer que tal educador, principalmente por estar lidando com os pequenos, precisa levar muito a sério sua profissão, gostar do que faz e renovar-se a todo o momento, pois ensinar e aprender são fundamentais como conceito inicial para esse profissional.

Tal educador tem que possuir um perfil, no qual acredite na transformação, que goste de mudança e que para isso seja eternamente curioso. Quem dera se todos os profissionais docentes tivessem uma compreensão e visão homogênea da infância.

Talvez seja a multiplicidade de olhares que tornem o ensino interessante e passível de crescimento. Cada teoria também produz um tipo de “olhar” sobre a infância, desde os que apenas acham que ser criança é apenas mais uma de tantas etapas de nossa vida, até aqueles que procuram na infância toda a origem de quem somos agora.

A capacidade de atenção do aprendente é determinada pelo afeto. O afeto o faz amar, aprender e realizar. A qualidade do registro do que é ensinado depende do afeto.

Freire (2007:25) diz que não há educação sem amor, conseqüentemente, não há educação sem amor, conseqüente, não há educação sem afeto.

2.4 FORMAÇÃO DOS EDUCANDOS

A Educação Infantil deve-se ser encarada com seriedade e respeito, pois é nessa fase do aprender brincando e vivenciando na ludicidade (brincadeira) que a criança leva e define sua "personalidade escolar", o "quem sou eu na escola?". Ali ela aprenderá a naturalidade e a simplicidade quão importante é aprender. A visão sócia interacionista de Lev Vigotsky nos mostra o quão importante é o convívio e a interação entre as crianças.

Um primeiro aspecto a ser destacado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, estabelecidas pela Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – CEB/CNE Nº 05, de 17 de dezembro de 2009, é a concepção de criança e de seu processo de desenvolvimento que deve orientar as propostas pedagógicas.

No Art. 4º, a criança, tida como centro do planejamento curricular, é compreendida como um sujeito histórico e de direitos, que por meio das interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, assim como constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Esse processo de construção de sentido para o mundo físico e social ocorre através de diversos comportamentos, destacando-se: brincar, imaginar, fantasiar, desejar, aprender, observar, experimentar, narrar, questionar.

Essa concepção sobre a criança e o modo como se desenvolve fortalece o lugar da instituição de Educação Infantil como um ambiente privilegiado de trocas e relações. Em que as experiências particulares vividas no ambiente familiar podem ser ampliadas e enriquecidas pelas interações com outras crianças, adultas e objetos que não faziam parte do cotidiano das crianças.

Ao acentuar a condição da criança como sujeito de direitos as Diretrizes chamam a atenção para a legitimidade da presença da criança nas instituições de Educação Infantil pelos benefícios que essa experiência pode trazer para ela e não somente para que as necessidades de suas famílias sejam atendidas. Esse é um aspecto central e que a professora deve levar em consideração quando pensa nas interações que desenvolve com a criança nesse espaço.

Na pré-escola, a interação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala ou no pátio, e é em função dessa a proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente.

Pode-se dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião.

A criança necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o micro universo onde as crianças buscam e se interessam. Observa-se que as crianças da pré-escola têm atitudes e brincadeiras que se assemelham aos comportamentos dos povos primitivos.

Estudos etnológicos ou antropológicos desses povos seriam muito valiosos para melhor compreendermos as crianças e suas brincadeiras. Crianças pequenas (período sensório-motor), por exemplo, querem interagir com os objetos manipulando-os com todo o seu corpo, não só com as mãos, pois esta é uma necessidade natural do seu desenvolvimento. É importante que o educador tenha um planejamento de situações problema para cada objeto da sala de aula e do pátio, local onde também se faz educação. Mas para isso é necessário que o educador seja antes de tudo um curioso, um pesquisador, possibilitando, assim, a criança descobrir verdades, ao invés de impor conteúdos.

O papel do mestre deve ser o de incitar a pesquisa e de fazer tomar consciência dos problemas, e não o de ditar a verdade. De fato, é preciso não esquecer que uma verdade imposta deixa de ser uma verdade: compreender é inventar ou reinventar e “dar uma lição” prematuramente é impedir a criança de encontrar ou redescobrir as soluções por si mesmas. (PIAGET, 1972:72).

Portanto, encorajar a criança a descobrir e inventar, sem ensinar ou dar conceitos prontos. A resposta pronta só deve ser dada quando a pergunta da criança focaliza um ato social arbitrário (funções do objeto cotidiano). Dar atenção a cada uma delas, encorajando-as a construir e a se conhecer. Sempre buscando no grupo a resposta, o professor procurará sistematizar e coordenar as ideias emergentes.

Dentro do espaço escolar, pode-se colaborar para que preconceitos se desenvolvam de forma consciente ou inconsciente, pois a escola, como reprodutora dos valores da sociedade na qual está inserida, tem ação política e transmite esses valores, através da prática de professores que não se atentam para isso. Assim, os preconceitos que estão disseminados na sociedade podem se reproduzir e muitos deles no próprio livro didático.

As discussões sobre diferenças étnico-raciais são antigas, necessárias e muito importantes para a formação de uma educação digna, que evite estereótipos. As primeiras pesquisas em relação a livros didáticos parecem ser da década de 1950.

O primeiro desses trabalhos analisou seis livros didáticos, investigando o ideal de realidade que os autores pretendiam inculcar nos seus leitores. Nesses livros, Esmeralda V. Negrão identificou a representação do negro em situação inferior à do branco, personagens negros tratados com desprezo, bem como a representação da raça branca como sendo a mais bela e inteligente (Silva, 2004:25).

Faz-se necessário, portanto, que a escola discuta entre seus sujeitos as interligações de saberes que ocorrem em seu interior, pois somos marcados pela multiplicidade de determinações históricas, políticas, sociais e psicológicas. Em nossa sociedade, a prática docente tem sido aprisionada: de um lado por uma pedagogia da carência, da cópia, da repetição, que nos submete a continuarmos a ser disciplinados e controláveis; de outro, pela motivação de tentar transformar esta sociedade, a começar pela sala de aula, mas movidos por um ativismo difuso.

Trabalhar a democratização do ensino nos primeiros 6 anos de vida é essencial para melhorar o índice de aprendizado dos alunos, estimular desde cedo a busca pelo conhecimento e eliminar as diferenças de origem socioeconômicas no desempenho de crianças até a 1ª série. Assim as novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade.

Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes fornecem elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.

3 ESTUDO DE CASO DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA

A escola existe desde 1991, foi fundada uma Entidade Filantrópica, que trabalha sem fins lucrativos “o Clube de Mães do Bairro Liberdade”, com o CGC: sob Nº 10. 220.762/0001-57.

Eleita como Presidentes do Clube de Mães a Sr.^a Maria Raimunda da Silva Oliveira, na qual se empenhou em desenvolver juntamente com a associação um trabalho voltado para as pessoas carentes da comunidade, já que havia muitas crianças fora da sala de aula. A presidente do Clube de Mães juntamente com as associadas decidiu que a necessidade maior era construir uma sede para que pudesse ministrar seus trabalhos juntamente com os pais e as crianças.

A associação com ajuda do Empresário Wagner Domingues Fonseca e sua esposa Maria Zeneide Oliveira Fonseca, onde os mesmos fizeram doação do terreno para construção da sede do Clube de Mães do Bairro Liberdade.

Com a posse do terreno a entidade não tinha recursos para construção, e entraram em contato com os empresários e a sociedade em geral, e logo abraçaram a nossa causa e todos colaboraram com a construção da sede, através de mutirões.

No dia vinte um de agosto de mil novecentos e noventa e cinco, foram alcançados os objetivos da escola, foi inaugurado a Escola em R/C Amor de Mãe que vem prestando serviços para a comunidade em geral, e mostramos que quando trabalhamos unidos com qualidade e amor alcançamos nossos objetivos.

Com trabalhos de qualidade e amor para com as pessoas carentes, foi conquistada a comunidade, que passaram a respeitar os vários trabalhos prestados a comunidade desde 1991 até os dias de hoje. E por isso reafirmamos-lhes que a Escola Amor de Mãe é de utilidade Pública e comprovamos com documentos.

A Escola R/C de Educação Infantil e Ensino Fundamental Amor de Mãe iniciou-se com 176 alunos, e hoje estamos com 370 alunos matriculados.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme o referencial teórico desta pesquisa, as relações estabelecidas em sala de aula entre professor e aluno podem influenciar na construção de uma aprendizagem significativa. Tendo como objeto de estudo tais influências, acredita-se que apenas com a participação no cotidiano escolar é possível perceber e analisar tais relações. Há Portanto, com a finalidade de alcançar os objetivos deste trabalho, optou-se por analisar as relações professor aluno na sala de aula, principal local na qual ocorrem, possibilitando maior compreensão das mesmas.

O processo metodológico do questionário foi o quantitativo, contendo cinco questões, que fora aplicado com o intuito de investigar como tem sido desenvolvida em sala de aula tal relação. Assim, a organização e exposição dos resultados dos questionários seguem com a apresentação de respostas para cada uma das questões aplicadas na escola com os professores, com as respostas dadas, que poderá ser observado nos comentários de cada questão.

Quanto às argumentações técnicas e didáticas foram necessárias consultas de autores como: Silva, Descartes, Wallon, Immanuel Kant, Vygotsky, Piaget, Galvão e de sites que puderam comprovar a relação professor aluno e a afetividade em sala de aula, para assim relacionar às experiências de recursos humanos que puderam esclarecer como vem sendo ofertado o afeto na relação professor aluno.

A população alvo da pesquisa se constitui em professores atuantes no Ensino Infantil e Fundamental na Escola Pública Urbana situada no Município de Itaituba – PARÁ durante o ano letivo de 2012. Portanto a amostra é do tipo intencional por acessibilidade.

A amostra foi constituída pelos professores atuantes em educação infantil, em um total de 05 professores. As entrevistas abrangeram os assuntos sobre afetividade e o processo educacional; práticas afetivas no processo ensino aprendizagem; possíveis situações difíceis em sala de aula e situações semelhantes decorrentes do ambiente familiar.

Para levantamento de dados foi utilizado cinco questionário com cinco perguntas abertas. Posteriormente as anotações, as entrevistas foram interpretadas para a realização da análise.

3.3 RESULTADOS E ANÁLISES

De acordo com as entrevistas, percebe-se que no processo educativo o diálogo, a explicação, o questionamento e o contato com a criança, devem ser considerados pelo professor no âmbito educacional. Da mesma forma da atenção dada pelo professor às atividades realizadas pelo discente, a presente pesquisa defende também a necessidade de haver segurança e coerência durante essas atividades, aos quais as crianças precisam sentir-se “à vontade” e seguras para realizá-las, como também respeitadas e com seus saberes e aprendizados valorizados.

A coleta de dados ocorreu durante o segundo semestre escolar, em um período aproximado de três semanas. Os registros e as observações levantadas foram realizados com cinco professores, a classe visitada possuía de vinte e seis a trinta alunos cada.

A utilização da observação em sala de aula como recurso para a coleta de dados mostrou-se bastante adequada, uma vez que, as relações estabelecidas entre professor e aluno ocorrem durante a interação entre ambos (principalmente na sala de aula) sendo este processo, dinâmico.

A primeira parte da investigação buscou identificar dados da Formação do professor, sua atuação docente, quantidade de alunos em cada série, tempo de atuação e especificidade o Centro de Educação Infantil em questão. Os dados estão demonstrados no quadro a seguir:

PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	QUANTIDADE DE ALUNO
Profissional – 1	Feminino	45 anos	Pedagoga	09 anos	28 alunos
Profissional – 2	Feminino	29 anos	Cursando Letras	05 anos	26 alunos
Profissional – 3	Feminino	32 anos	Cursando Pedagogia	07 anos	26 alunos
Profissional – 4	Feminino	30 anos	Cursando Pedagogia	04 anos	27 alunos
Profissional – 5	Feminino	39 anos	Pedagoga	10 anos	30 alunos

Pode-se constatar que todos os professores entrevistados atuam nas especificidades das suas áreas de formação, no que concerne às atribuições da sala de aula regular.

3.3.1 ENTREVISTA COM PROFESSORES

As relações sociais precedem a relação com o mundo físico e nessa perspectiva o “outro” desenvolve um papel primordial na conquista desse mundo. A integração da afetividade e inteligência permite aos indivíduos atingir níveis de evolução cada vez mais complexos. Diante de tal questionamento foi realizada a seguinte pergunta: De que maneira o afeto entra na relação professor aluno?

Para a professora o afeto na relação professor aluno, se dá através do compromisso, dedicação, carinho e da responsabilidade para com o mesmo. (Profissional 1 – E. M. I.A. M).

A professora acredita que está relação só acontece de fato a partir do momento em que o professor assume sua responsabilidade de fato e de direito pesando no desenvolvimento deste aluno, por meio do amor. (Profissional 2 – E. M. I.A. M).

Na visão da professora essa relação acontece através do contato diário com o aluno e de suas dificuldades encontradas no ambiente escolar. (Profissional 3 – E. M. I.A. M).

Essa relação de acordo com a professora acontece a partir do momento que o aluno entra na sala de aula, a convivência a cada dia vai se tornando mais ampla e amorosa. (Profissional 4 – E. M. I.A. M).

A relação afetividade no entendimento da professora vem através do vínculo amoroso que professor aluno criam um pelo outro e deixam discorrer suavemente. (Profissional 5 – E. M. I.A. M).

A afetividade presente nos vínculos sociais são bases para caracterização da personalidade dos homens ao longo da vida. Neste contexto destaca-se a importância da interação entre o homem e o meio e entre si mesmo.

Somos humanos, e como tais, estamos sempre em busca de algo que justifique nossa existência, que nos dê razão para viver. Essa motivação faz dos educadores uma fonte inesgotável de questionamentos e dúvidas que queremos e buscamos solucionar.

É possível saber solucionar os problemas encontrados pelos alunos nos primeiros dias de aula e com base nesta afirmação foi realizada a seguinte pergunta: Tendo em vista a pré – escola como seu segundo âmbito familiar. De que forma o professor demonstra a afetividade com seu aluno?

A demonstração da afetividade precisa começar através da receptividade, para que a criança possa sentir-se segura, uma vez que bem recebida, certamente ela irá se sentir bem acolhida, dessa forma ela poderá interagir

e relacionar-se com os outros alunos e com a professora. (Profissional 1 – E. M. I.A. M).

No âmbito escolar o professor de acordo a professora deve começar, ouvindo, compreendendo, respeitando e acima de tudo amando todos os seus alunos sem diferença. (Profissional 2 – E. M. I.A. M).

A receptividade para esta professora acontece quando o professor ajuda o seu aluno a se adaptar com o ambiente escolar, atendendo as suas necessidades. (Profissional 3 – E. M. I.A. M).

Facilitar a afetividade ao aluno neste primeiro momento é muito importante, pois são através da forma que o aluno é recebido, que se dará seu desenvolvimento no processo ensino aprendizagem e todos os seus convívio escolar. (Profissional 4 – E. M. I.A. M).

A atenção para esta professora é um dos pontos primordial nesta relação, ensinando com prazer, ouvindo e compreendendo todos os obstáculos que o aluno demonstra. (Profissional 5 – E. M. I.A. M).

Precisa-se reconstruir uma nova escola resultante da fusão entre a escola antiga e a atual, capaz de formar mentes pensantes, com conteúdo e voltada para formação profissional e desenvolvimento do homem enquanto ser afetivo, emocional, religioso etc.

Entende-se que a aprendizagem é um processo dinâmico que ocorre a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, porém sempre mediado por elementos externos, isso prova que a mediação é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento pelo educando. Pesando nesse desenvolvimento da criança foi perguntado aos profissionais: De que forma a afetividade contribui para o desenvolvimento sócio cognitivo da criança?

O processo afetivo precisa acontecer de forma prazerosa, alegre, lúdica para assim contribuir certamente com o desenvolvimento aprendizagem da criança, ela sentira-se em um ambiente acolhedor e irá interagir com facilidade e segurança ficando seu desenvolvimento acontecendo de forma imediata. (Profissional 1 – E. M. I.A. M).

Tais contribuições para o desenvolvimento da criança acontecem no momento em que a criança se sente amada, compreendida e respeitada, ela sente confiança no seu trabalho enquanto educadora e amiga. (Profissional 2 – E. M. I.A. M).

Contribuir é a palavra certa dada ao desenvolvimento da criança relacionada ao professor, tendo uma boa afetividade a criança aprende a se relacionar melhor com outras pessoas, fora do ambiente escolar, proporcionando a ela uma sensação e segurança diante da sociedade. (Profissional 3 – E. M. I.A. M).

A base da criança precisa ser muito bem trabalhada, é de fundamental importância porque através dessa afetividade o professor consegue que seu aluno desenvolva sua aprendizagem. Através da segurança, da

metodologia, brincadeiras que o professor conseguirá atingir o desenvolvimento sócio cognitivo do aluno. (Profissional 4 – E. M. I.A. M).

O desenvolvimento sócio cognitivo da criança acontece na escola quando a criança se sente segura, interage de forma harmoniosa com os colegas e professores, tem, mas segurança e o melhor internalizam com mais facilidade brincando. (Profissional 5 – E. M. I.A. M).

Isto significa que a criança tenta continuamente adaptar os novos estímulos aos esquemas que ela possui até aquele momento. Muitas crianças possuem dificuldades de desenvolvimento cognitivo e emocional, tais como medos e problemas de relacionamentos. Cabe ao professor proporcionar com afeto a aquisição dos conhecimentos e auxiliá-la a interagir com a escola e com os colegas, caso contrário poderá ocorrer crises emocionais acarretando em desgastes físicos e psicológicos, trazendo prejuízos para a ação pedagógica.

Esse interesse, ao lado dos julgamentos de valor que progressivamente os sujeitos vão endereçando aos objetos e pessoas, transforma-se na fonte de motivação para a ação. O papel da afetividade é funcional na inteligência, é a fonte de energia que a cognição utiliza para seu funcionamento. Originadas de raciocínios, as ações são sempre impregnadas de afetividade. Com relação à ideia do autor perguntou-se: Para Piaget, o afeto é a fonte principal para atingir a confiança de uma criança. E para você? Comente.

Alcançar a confiança de nossos alunos é nosso papel, concordo com o autor plenamente, uma vez que a criança vem de um ambiente familiar, onde ela se sente totalmente segura, terá um ambiente parecido, ela irá sentir confiança e se relacionará perfeitamente com o professor e com os colegas. (Profissional 1 – E. M. I.A. M).

Sem duvida concordar com o autor a ideia citada acima, quando a criança é repreendida bruscamente diante de uma falha cometida, ela recua e fica retraída em diversos aspectos. Contudo quando sentamos e conversamos, ela entende com mais clareza e passa a agir melhor. (Profissional 2 – E. M. I.A. M).

Sim, porque uma criança só ganha confiança em alguém se souber conquistá-la, com gestos e carinhos. (Profissional 3 – E. M. I.A. M).

Com a confiança da criança podemos conhecer a criança e o seu meio familiar e podemos passar a atingir todos os pontos cognitivos. (Profissional 4 – E. M. I.A. M).

Com certeza. O afeto é primordial na relação entre os seres, é ele que oportuniza e abre caminhos para que as pessoas se comuniquem e criem um vínculo vital. (Profissional 5 – E. M. I.A. M).

Nesta perspectiva, o educador necessita tomar a consciência do seu papel para possibilitar ao aluno um desenvolvimento afetivo sadio, que o leve à construção de uma personalidade autônoma, atuando como sujeito de si mesmo.

De acordo com estudos e análises, acredita-se que afetividade compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões e reflete sempre a capacidade de experimentar o mundo subjetivamente. Desta forma, afetividade é quem confere o modelo de relação do indivíduo, observando essa realidade surgiu a seguinte pergunta: “Uma criança triste e incapaz de concentra-se na escola, pode-se dizer que seu afeto está sendo interferido. Discorra desta afirmativa?”.

Não discordo dessa afirmação, alguma situação está acontecendo na vida familiar, que esta sendo assimilado por ela, e repassado na escola. (Profissional 1 – E. M. I.A. M).

Certamente, uma criança triste se isola dos demais e passa a ter um baixo rendimento escolar, uma vez que seu pensamento está focado naquilo que a aflige. Com isso, o processo de ensino – aprendizagem fica comprometida, pois afetará principalmente sua concentração em atividades que estão ligadas ao seu intelecto prático. (Profissional 2 – E. M. I.A. M).

Sim, pois para uma criança atingir um bom desenvolvimento ela deve estar bem relacionada com o professor e com a família. (Profissional 3 – E. M. I.A. M).

Sim, porque ela não vai conseguir assimilar os conteúdos trabalhados pelo professor. Pois em um caso como este citado, o professor deve ser um investigador para trabalhar essa situação. (Profissional 4 – E. M. I.A. M).

Sim, uma criança sem afeto sente-se triste, indefesa e reprimida. Ela não vai deixar você conhecer as suas potencialidades que podem ser exploradas. (Profissional 5 – E. M. I.A. M).

Assim sendo, os afetos são inerentes às vivências, e não existe vivência sem afeto. Isso faz a diferença entre a vida e a biografia de uma criança; a vida é uma sucessão de vivências e a biografia, uma sequência de fatos. Ao viver uma vivência, a criança experimenta um estado afetivo intrinsecamente ligado a essa vivência, que é a valoração emocional daquela vivência. Esse é, então, o afeto integrado à vivência. O afeto é, portanto, uma qualidade vivencial e é consequentemente, o significado emocional daquilo que está vivendo naquele momento.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O PROFESSOR

O perfil da educação brasileira apresentou significativas mudanças nas últimas décadas. O desempenho dos alunos remete-nos à necessidade de considerarmos a formação do professor, como sendo requisito fundamental para a melhoria dos índices de aprovação, repetência e evasão do ensino.

Educar é levar o aluno à consciência de poder ser mais, a reconhecer que é chamado a ser um verdadeiro eu-no-mundo-com-o-outro, num empreendimento comum e solidário e deste modo, educar para a liberdade num mundo que o aluno existe com o outro.

Portanto, o papel do professor é estar atento a todos os elementos necessários para que o aluno aprenda e se desenvolva.

PROPOSTAS DE AVANÇOS NO RELACIONAMENTO PROFESSOR ALUNO

- 1ª- Manter relação de empatia com seu aluno;
- 2ª- Conhecer os problemas de seus alunos e tentar leva-los a auto realização;
- 3ª- Discutir o processo de cidadania de seus alunos;
- 4ª- Possibilitar o seu relacionamento com os alunos expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura;
- 5ª- Garantir uma vivência de respeito no seu modo de agir como professor em sala de aula;
- 6ª- Explanar mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos;
- 7ª- Fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade;
- 8ª- Discutir de que maneira a relação professor-aluno interfere no processo ensino aprendizagem;
- 9ª- Contribuir para que a relação professor-aluno torne-se um alicerce para a construção do conhecimento;
- 10ª- reconhecer como trabalhar a relação professor-aluno imbuída de afetividade e diálogo para a formação de um cidadão mais crítico, consciente e participativo.

CONCLUSÃO

O Trabalho em questão mostrou um estudo realizado sobre o tema Afetividade na Relação Professor Aluno: uma mistura de aprendizagem e experiência de vida, com o intuito de mostrar como a afetividade influencia positivamente no desenvolvimento do aluno.

Levando-se em conta que o professor não é detentor do saber e sim um mediador, essas serão as atitudes que irá determinar em sala de aula alunos verdadeiramente disciplinados onde o ambiente será propício para a aprendizagem, de forma que os alunos irão adquirir habilidade de pensar e capacidade para enfrentar problemas fora de sala de aula.

Tendo como ponto de partida, que o professor exerce grande influência sobre a formação da personalidade e caráter do aluno, seu modo e sua posição ante a sala de aula irá transmitir muito mais que simples conteúdos disciplinares podendo deixar marcas positivas ou negativas. O professor afeta a eternidade, ele não pode dizer onde sua influência acaba (HENRY 1985:343).

De acordo com o que se quis conhecer em relação à Afetividade na relação professor aluno, é que o afeto pode sim determinar o quão satisfatório e produtivo será o desenvolvimento da criança, onde foi possível detectar que o cognitivo necessita do afeto para se desenvolver, pois o professor não pode se colocar de forma indiferente ao seu aluno, onde não criam ambientes de trocas amizade e habilidades cognitivas, é necessário mudar, inovar e ousar novos caminhos visando sempre o aluno como um ser afetivo, que possui dentro de si um mundo a ser descoberto e a disposição de buscar saciar sua necessidade de aprendizagem, necessidade essa que o professor desperta, e impulsiona em seus alunos.

Entende-se que cada aluno é um ser humano diferente dotado de necessidades diferentes, sonhos diferentes, vivendo em um século onde a todo instante surgem inovações, então cabe ao professor buscar novas metodologias, dinamismo e disposição para o trabalho docente tendo como base a afetividade essa que é a maior arma do educando de forma a gerar uma educação humanitária visando desenvolver um cidadão crítico e autônomo onde se enquadra na sociedade de forma, a saber, cumprir e reivindicar seus direitos, carregando em sua memória

algo que impactou seu coração a experiência de ter passado pelas mãos de um professor.

Durante minha prática educativa, observei que a aprendizagem e a troca de experiência entre aluno e professor são de grande valia para o desenvolvimento do aluno. As próprias situações de afetividade ocorridas entre ambos podem ampliar e criar novas possibilidades de convivência, aprendizado, segurança e motivação para o “querer aprender”, todos fundamentais para o desenvolvimento social e afetivo.

Estruturar atividades escolares e relacioná-las com o tempo e fazer com que o aluno se interesse e se motive a aprender, ainda é um grande desafio para o professor. Vale ressaltar então que o professor influencia na formação da personalidade de seus alunos. E isto é uma tarefa de grande responsabilidade que seu papel assume tanto na vida pessoal de cada criança quanto na sociedade em geral.

Na relação professor e aluno é preciso ter afeto para superar os conflitos em sala de aula, de forma a nortear a construção do conhecimento, que é importante no papel exercido pelo professor em proporcionar um ambiente que favoreça ao resgate da autoestima por meio da afetividade na melhoria do ensino e aprendizagem. Por meio das entrevistas notou-se que a aproximação entre professor e aluno contribui para o interesse do aluno, especialmente quando há uma boa comunicação.

Na escola da vida, aprende-se com os próprios erros e acertos, mas esse aprendizado se inicia com pessoas que dedicam quase todo seu tempo e porque não dizer a vida para alfabetizar e ensinar, ser professor está muito além de exercer uma profissão, ser professor é ter e colocar em prática um dom que poucas pessoas têm dentro de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. **emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **O que é afetividade? Reflexões para um conceito**. In: Reunião Anual da ANPED, 24^a, 2001, Caxambu. Anais... Caxambu: Anped, 2002. P.1-10. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp1.htm#gt20>. Acesso em: 04 nov. 2012.

ABBAGNANO, Nicola, 1901- **Dicionário de filosofia** / Nicola Abbagnano; tradução Alfredo Bosi. - 21 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANTUNES, Celso. **Educação infantil: prioridade imprescindível**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional** – LDB n.º. 9394/96. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. p 107-108.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1988.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**, 2006.

CABRAL, A.; NICK, E. (1999) **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, A. B. A Produção Acadêmica na Área da Educação Infantil com Base na Análise de Pareceres sobre o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil. In: FARIA A. L. G. de; PALHARES, M. S. (Org.). **Educação Infantil Pós-LDB**: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 2003. P. 19-50.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____, **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FERNANDES. Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Tradução: Iara Rodrigues. 2^a Edição. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

GALVÃO, I. **Uma concepção Dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

KUHLMANN, J. M. **Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922)**. In: Educação pré-escolar no Brasil 1899-1922: exposições e congressos patrocinando a “assistência científica”. São Paulo, 1990, Dissertação de mestrado. PUC- SP.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____, MATURANA, Romicim Humberto & Verden – Zöller. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

LIMA, M. G. S. **A afetividade e suas relações no processo de ensino e aprendizagem**. Monografia de pós-graduação em psicopedagogia clínica e institucional. Faculdade Kurios. Iguatu, 2008.

MIALARET, Gaston. **Psicologia da Educação**. Coleção: Epigênes e, Desenvolvimento e Psicologia. Ed. Instituto Piaget, Lisboa, 1999.

NORONHA, M E Noronha, F.E.Z., **Educação e Comportamento**, CPC centro de Psicologia Clínica, 1985.

OLIVEIRA, Zilma Moraes et al. **Creches: Crianças, Faz de Conta & Cia**. São Paulo: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Z. M. R. e Rossetti-Ferreira, M. C. (1986). **Propostas para o Atendimento em Creches no Município de São Paulo**: histórico de uma realidade, Cadernos de Pesquisa, SP (56), pp.39-65.

PAULA, E M A T. de; MENDONÇA, F W. / **Psicologia do Desenvolvimento**./- Curitiba: IESDE Brasil S.A. 160 p.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a Educação?** São Paulo. Editoras Vozes, 1994.

_____, Jean. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____, Jean. (1977) **A tomada de Consciência**. Trad. Edson B. de Souza. São Paulo: Melhoramentos – USP.

PARDAL, M. V. C. O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista. In: VASCONCELOS, V. M. R. (Org.). **Educação da infância**: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P. 51-72.

SALTINI, Cláudio. **Afetividade Inteligência**. Rio de Janeiro. RJ. Editora DPA, 2002.

RODRIGUES, Marta A. M. Encontro e despedidas. In: FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (org.) **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 52-53.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2004.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem**: a relação professor aluno. Anuário 2000. GT Psicologia da Educação, Amped, Setembro de 2000.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Editora Estampa. Lisboa, 1975.

_____ (1989) **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole.

_____ (1998) **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70 <http://pt.wikipedia.org>/Acessado em 09.11.2012.

VIEIRA, L. M. F. (1988). **Mal Necessário: Creches no Departamento Nacional da Criança**, Cadernos de Pesquisa, (67): 3-16. São Paulo.

VYGOTSKY (1896-1934:76), o desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/o_que_e_afetividade.asp. Acesso em 09.12.2012.

ANEXOS